



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

Sub-eixo: Política de Educação

MULHERES NEGRAS: RAÇA, CLASSE E IDENTIDADE

CLÁUDIA ALVES DURANS¹

RESUMO

O artigo aborda a questão da mulher negra na luta pela Liberdade. Busca a gênese na diáspora africana, a partir da qual foram traficadas e escravizadas. Destaca que construíram quilombos, dirigiram revoltas e, após a abolição, seguem na linha de frente, enfrentando as consequências da escravidão e as mazelas do capitalismo. Aponta desafios do combate ao racismo e machismo, no contexto das lutas pela emancipação humana.

Palavras-chave: mulheres negras; classe; escravidão; identidade.

ABSTRACT:

The article addresses the issue of black women in the fight for Freedom, seeking the genesis in the African diaspora, in which they were trafficked and enslaved. Highlights that they built quilombos, led revolts and, after abolition, remain on the front line, facing the consequences of slavery and the ills of capitalism. It highlights the challenges of combating racism and sexism, in the context of the struggles for human emancipation.

Keywords: black women; class; slavery; identity.

INTRODUÇÃO

A questão da mulher, em particular da mulher negra, tem ocupado espaço destacado na cena contemporânea. Obviamente, pelas condições materiais concretas que revelam uma violência impressionante do ponto de vista físico, psicológico, patrimonial, chegando até elevados índices de feminicídios. Isso somado às condições extremamente cruéis vivenciadas pela classe trabalhadora em geral, em consequência de um contexto de crises, acirrado pós pandemia, cujas alternativas implementadas para enfrentamento são sempre sob a ótica do capital, no sentido de garantir os superlucros dos super ricos. Para isso, destroem as conquistas históricas do proletariado e aumentam a superexploração do trabalho, processos que afetam mais intensamente os setores já precarizados como mulheres, negros, LGBTIs, imigrantes, etc.

¹ Universidade Federal do Maranhão



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

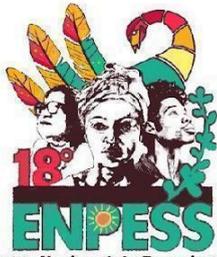
Essa situação, conseqüentemente, tem produzido reações, lutas e enfrentamentos, sendo as mulheres o setor da classe trabalhadora que mais tem lutado no Brasil e no mundo. Isso exige da intelectualidade, das vanguardas, e dos próprios movimentos feministas, pensar teoricamente esse fenômeno para darem respostas seja na forma de políticas públicas, seja na forma de elaborações programáticas, ações e mobilizações das mulheres. Isso posto, discutir a questão das mulheres negras nesse contexto, é abordar um tema complexo que envolve vários aspectos da vida social, que se manifestam na forma de opressão, muitas vezes opressões sobrepostas: gênero, raça, classe, sexualidade, entre outros aspectos.

Há esforços de diferentes matizes na busca de uma visão integrada visando para apreender essa complexidade que envolva identidades e desigualdades econômicas, sociais, culturais, comportamentais, etc., a partir de uma análise que considere a visão da mulher, inclusive a busca por uma epistemologia feminista, em contraponto à perspectiva de neutralidade, objetividade, universalidade da ciência, a partir do ponto de vista dominante, do homem, branco, ocidental, burguês, heteronormativo. Vamos destacar algumas.

Raça, classe e identidade

Kimberlé Crenshaw, jurista negra estadunidense, utilizou o termo interseccionalidade ou consubstancialidade, ganhou destaque a partir dos anos 2.000. Ângela Davis, também estadunidense, professora universitária, foi militante do partido Panteras Negras, trouxe o debate Mulheres, Raça e Classe. Danielle Kergoat, francesa, enfatizou sexo e classe. No Brasil, no tema de gênero e classe destacamos, entre tantas outras, Elizabete Lobo A Classe Operária tem 2 sexos - trabalho, dominação e resistência; Cecília Toledo - O Gênero nos Une, a Classe nos Divide. No tema de gênero e raça ressaltamos Lélia González reconhecida militante do movimento negro, feminista, fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU), Neuza Santos em Tornar-se Negro, Suely Carneiro, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, entre tantas outras, acadêmicas ou não.

Apesar de considerarmos legítimas as buscas por uma metodologia, ou mesmo uma epistemologia que favoreça o ponto de vista dos oprimidos, acreditamos que o materialismo histórico dialético, como uma teoria social, perspectiva teórico-metodológica, responde plenamente a essa necessidade. Isso porque, o materialismo histórico busca compreender o ser humano e suas múltiplas determinações, na sua relação com a natureza e como interage entre si para garantir a sua sobrevivência, através do Trabalho. Dessa forma, consiste numa compreensão do mundo condicionado pela organização societal que em cada época



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

histórica assume características particulares, que se expressam num modo de vida. Parte de uma visão da sociedade como totalidade histórica, orgânica, complexa, que nos permite analisar os fenômenos sociais como parte dessa totalidade, como um complexo de complexos, na busca pela captura do movimento do real por aproximações sucessivas, evitando assim fragmentações que deturpam a realidade, ou a captam parcialmente. “[...]”

Apenas a captação da totalidade, onde se unem o igual e o distinto, o repouso e o movimento, o singular e o múltiplo, ou seja, apenas a captação do concreto pode nos dá a verdade.” (Peña, 2015, p. 19).

Tomemos as palavras de Peña (2015 p. 47): “[...] o fato de que a igualdade, mesmo a mais abstrata, contenha a diferença, se revela em todo conceito no qual o predicado seja distinto do sujeito”. Por exemplo, ao dizer: a rosa é vermelha, dizemos que a rosa, sem deixar de ser rosa, é vermelha. Partindo dessa perspectiva, analisamos que “a mulher” no sentido singular é uma generalização, um conceito abstrato, definido apenas por determinação biológica. É preciso apreender a particularidade da mulher negra, no movimento do real, situada historicamente. Isto é, ao dizer: a mulher é negra (ou indígena), dizemos que a mulher, sem deixar de ser mulher, é negra.

Se analisamos historicamente o comportamento dos seres humanos, vemos que são diferenciados em cada época, até mesmo entre as mulheres que possuem constituição biológica semelhante. Portanto, é preciso compreender a mulher no contexto das relações sociais, no processo de produção e reprodução da vida social, considerando as lutas entre as classes.

Isso posto, analisar a situação das mulheres negras nos conduz necessariamente à análise do processo histórico, econômico, político e cultural no qual foram violentamente arrancadas da África e traficadas para várias partes do mundo, em especial a América. Foram cerca de 12,5 milhões de pessoas arrancadas do continente africano para trabalho escravizado, 4 milhões para o Brasil, enfrentando de 30 a 50 dias nos porões dos navios negreiros, onde 20% não chegavam vivos e, no continente, alcançavam só 5 anos de vida útil.

É dessa perspectiva que se parte, sobretudo porque compreende-se a escravidão negra como parte fundamental na formação do capitalismo, num período histórico em que o escravismo, como modo de produção, já havia desaparecido. Marx, em vários escritos destaca as conexões entre capitalismo e escravidão, demonstrando que o capitalismo é fruto de um processo histórico no qual contribuíram: a liberação de milhares de camponeses da servidão para se tornarem força de trabalho livre apta a ser assalariada, expropriação dos meios de produção, destruição de indústria feudal, pilhagem de ouro e prata da América e das Índias,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

escravização dos povos africanos, etc., etc.

As descobertas de ouro e de prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são fatores fundamentais da acumulação primitiva. Logo segue a guerra comercial entre as nações europeias, tendo o mundo por palco. Inicia-se com a revolução dos Países Baixos contra a Espanha, assume enormes dimensões com a guerra antijacobina da Inglaterra, prossegue com a guerra do ópio contra a China etc. (Marx, 1980, p. 867).

Marx em Carta a Annenkov de 1846: “Foi a escravidão que concedeu valor às colônias”, ou seja, o capitalismo emergiu e se desenvolveu com a exploração do trabalho compulsório de indígenas e de africanos escravizados.

A escravatura direta é o eixo do nosso industrialismo atual, tal como as máquinas, o crédito, etc. Sem escravatura, não temos algodão; sem algodão, não temos indústria moderna. Foi a escravatura que deu valor às colônias, foram as colônias que criaram o comércio mundial, o comércio mundial é que é a condição necessária da grande indústria mecânica. Por isso, antes do tráfico dos negros, as colônias só davam ao velho mundo muito poucos produtos e não alteravam visivelmente a face do mundo. Assim, a escravatura é uma categoria econômica da mais alta importância. (Marx, 2009, p.237).

Convém destacar que a colonização, o tráfico e a escravidão trataram seres humanos como mercadoria, coisificados, alienados, negando-lhes a individualidade, a dignidade e a liberdade. Processos tão violentos impactaram decisiva e profundamente na subjetividade desses seres humanos e no conjunto da sociedade, com repercussões até os dias atuais.

De acordo com o materialismo histórico, a consciência humana está em consonância com os modos de vida específicos, não é uma esfera autônoma. Portanto, materialidade e subjetividade, ser social e consciência social estão em intrínseca conexão. Nas palavras de Marx (1977, p.24), a consciência é condicionada pela estrutura social:

Na produção da vida social da sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais.

O conjunto dessas relações constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas de consciência social determinadas. O modo de produção material condiciona o processo da vida social, política e intelectual, em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas pelo contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência [...] Assim como não se pode julgar um indivíduo pela ideia que faz de si próprio, também não se pode julgar uma tal época de revoluções pela consciência que ela tem de si mesma. Pelo contrário, é preciso explicar essa

consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas e as relações de produção[...].



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Partindo desse raciocínio, podemos afirmar que a colonização e a escravidão construíram uma subjetividade, uma consciência social, que buscou justificar a exploração despudorada, a violência, a opressão e humilhação de seres humanos escravizados, conformando a ideologia do racismo. Nas palavras de Willians (1975, p.12): “A escravidão não nasceu do racismo. Ao contrário, o racismo foi consequência da escravidão”.

A exploração gerava riqueza e poder, sem nenhum custo para o branco colonizador e opressor. O racismo é produto do capitalismo, pois a escravidão negra respondia a uma necessidade de ordem econômica, isto é, produzir e comercializar para os países dominantes. Como destaca Callinicos (2023, p. 5):

O que eu tentarei mostrar é que o racismo é um fenômeno moderno. Diz-se frequentemente que o racismo é tão antigo quanto a natureza humana, e em consequência não poderia ser eliminado. Pelo contrário, o racismo tal como o conhecemos hoje desenvolveu-se nos séculos 17 e 18 para justificar o uso sistemático do trabalho escravo africano nas grandes plantações do “Novo Mundo” que foram fundamentais para o estabelecimento do capitalismo enquanto sistema mundial. O racismo, portanto, formou-se como parte do processo através do qual o capitalismo tornou-se o sistema econômico e social dominante. As suas transformações posteriores estão ligadas às transformações do capitalismo.

Assim, Callinicos discute que, embora o racismo associado às diferenças na cor da pele, mas isso não é a condição para a sua existência. Nesse sentido lembra os irlandeses, os judeus, explicando a utilização de diferenças para justificar a exploração e opressão.

O racismo existe onde um grupo de pessoas é discriminado com base em características que lhe seriam inerentes enquanto grupo. O racismo é frequentemente associado a uma diferença na cor da pele dos opressores e oprimidos, mas isso não é de nenhum modo uma condição necessária para existir o racismo. Os irlandeses foram vítimas de racismo especialmente na Grã-Bretanha do século 19, apesar de serem tão brancos quanto os “nativos”. O antissemitismo moderno é outro caso de racismo que não é baseado em diferenças de cor. Há um sentido no qual a diferença de cor não é sequer uma condição suficiente para a existência de racismo. Onde essa diferença está envolvida é como parte de um complexo de características – por exemplo, inteligência inferior, preguiça, sexualidade superativa, no caso do estereótipo ocidental tradicional dos africanos – que são atribuídas ao grupo oprimido e que servem para justificar a sua opressão. O que importa realmente é a ideia de um conjunto sistemático de diferenças – do qual as diferenças físicas visíveis são uma parte – entre opressores e oprimidos, mais do que as diferenças físicas em si. (Callinicos, 2023, p. 8).

Como afirma Ruiz “há uma relação intrínseca entre a escravidão a que foram submetidos os negros e a recusa às pessoas de cor negra e o estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram os povos negros à escravidão. Daí o negro ter se convertido em símbolo de sujeição e de inferioridade. E este conceito negativo



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

sobre o negro foi forjado.” (RUIZ, 1988, p. 100).

Tratou-se criar uma ideologia para justificar as atrocidades feitas à população africana e seus descendentes, com a criação de teorias pseudocientíficas, pela igreja, etc. Como afirma Sant’ Ana (2005, p. 49):

O negro e o índio foram vítimas de uma conspiração bem planejada durante todos esses séculos, onde foram elaboradas doutrinas com falsa base bíblica e filosófica, bem como tentativas de comprovação de teorias com uma falsa base científica, que não resistiram ao tempo. Mas, as marcas do racismo e suas maléficas consequências permaneceram, já que estes preconceitos sobrevivem às gerações. A discriminação e o preconceito foram se fortalecendo no dia-a-dia, criando fortíssimas raízes no imaginário popular, chegando ao ponto no qual nos encontramos hoje. O racismo tomou-se uma ideologia bem elaborada, sendo fruto da ciência europeia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África. E esta ideologia racista ganha força a partir da escravidão negra, adquirindo estatuto de teoria após a revolução industrial europeia.

No território brasileiro o processo violento de exploração e opressão das mulheres e homens negros no longo período em que vigorou a escravidão, criou riquezas através da monocultura latifundista (cana-de-açúcar, algodão, café), dos ciclos da borracha, da mineração, num violento processo de coisificação, ou seja, desumanização. Como afirma Marx no Manifesto Comunista: “A burguesia criou o mundo à sua imagem e semelhança.” quer dizer escravista, branca, exploradora e opressora.

Nesse contexto, qual a condição em que as mulheres negras foram jogadas? Escravizadas, coisificadas, tratadas como mercadoria, trabalhavam no eito, nas casas grandes como escravas domésticas. Como mulheres, eram tratadas como objeto sexual, vítimas de abusos e estupros por parte dos senhores de engenho e de seus filhos. Isso foi se reproduzindo com as empregadas domésticas após a abolição; A essas mulheres foi negado o direito à maternidade e o direito às famílias. Os homens negros (pai, irmãos, filhos, companheiros) foram estigmatizados, coisa que se repete até hoje. Consequência disso, uma criminosa combinação de racismo e machismo, com resultados trágicos na contemporaneidade. Combinação perversa de exploração e opressão, esta última entendida aqui como a transformação das diferenças existentes entre os seres humanos em desigualdades, com a finalidade de colocar em desvantagem e inferiorizar o outro, no caso as mulheres negras, mas também os negros, indígenas, LGBTIs, imigrantes, pessoas com deficiências, etc. Aqui podemos citar o belíssimo discurso de Sojourner Truth, de 1851, citado por Davis (2016).

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

carruagens, oua saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu ardei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 13 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher?

Conforme comenta Davis, Sojourner Truth era uma mulher negra, ex-escrava, mas não era menos mulher que qualquer uma de suas irmãs brancas no evento em que fez esse discurso (Convenção de Mulheres em Akon, Ohio, em 1851). Aliás, a única negra nessa convenção. “O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que das mulheres brancas de classe média”. (Davis, 2016, p. 73). A própria Sojourner arremata sobre o incômodo dos presentes com a fala tão forte.

Sei que vocês sentem comichões e vontade de vaiar quando veem uma mulher de cor se levantar e falar a respeito de coisas e dos direitos das mulheres. Nós fomos tão rebaixadas que ninguém pensou que iríamos nos levantar novamente; mas já fomos pisadas por tempo demais; vamos nos reerguer, e agora eu estou aqui. (Davis, 2016, p. 73).

Historicamente a mulher negra foi marcada pelo cuidar, servir, por estereótipos que destacam imagem negativa que contrasta com os padrões de beleza hegemônicos. Entretanto, ressaltamos que, a representação machista e racista da mulher negra, ou imagem negativa disseminada nas mídias, está na contramão da realidade. Mulheres negras são invisibilizadas na história oficial e nas lutas e resistências de seu povo, mas são em sua maioria chefes de família, lideranças em movimentos por reivindicações por políticas públicas para melhoria das suas condições de vida, nas lutas em defesa dos seus filhos e companheiros. (Durans, 2015) Como afirma Lélia Gonzalez enfatizando o papel da mulher negra na resistência.

É a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral da sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite às suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel - apesar da pobreza, da solidão quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chamada libertação, justamente porque não tem nada a perder. (Gonzalez, 1982, p. 104).

Nesse sentido é que se questiona um dos discursos cristalizados do movimento feminista quando argumenta que as mulheres foram recolhidas ao espaço do lar, o que é válido para mulheres brancas, mas não para as pretas. E nesse sentido, a condição na qual foram postas



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

questiona mais profundamente o mito da fragilidade feminina. Realidade que resgata a tradição africana da mulher como principal alicerce da cultura e espiritualidade negras. A visão das mulheres como fortes, guerreiras, trazidas pelos povos africanos. Parafrazeando Sojourner “já fomos pisadas por tempo demais; vamos nos reerguer”. É tempo de resgatar as referências positivas, as ancestrais, as heroínas negras para reforçar as lutadoras da atualidade. Nesse sentido, exaltar mulheres que criaram, dirigiram quilombos, enfrentaram batalhas armadas ou não, na linha de frente. Aquilone (Palmares), Acotirene (Palmares), Dandara (Palmares), Tereza de Benguela (Quilombo do Piolho - MG), Luiza Mahim (BA), Agotimê (MA), Zeferina (BA), Chica da Silva (MG), Maria Felipa (BA), entre tantas outras.

Atualmente, há uma luta pela retomada da identidade negra, através da estética, utilização dos turbantes, dos cabelos em suas texturas naturais, das tranças, das vestimentas, etc. que valorizam fenótipo negro, rompendo com o padrão branco. Nesse sentido, desconstruindo a invisibilidade, em todos os espaços. No entanto, a nosso ver não basta levar a cabo a ideologia do empoderamento, porque os desafios da realidade são bem mais profundos, retomando as palavras de Gonzalez (1984, p. 231):

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos”. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país).

E isso passa necessariamente por incluir nas pautas das lutas da classe trabalhadora o combate ao machismo, ao racismo, à lgbtphobia, a xenofobia, ao capacitismo e todas as formas de opressão, como também traz um debate estratégico, acerca do que mundo queremos construir, em face à falência do capitalismo mundialmente.

Nesse sentido, pensamos como Haider Assad (2018, p. 36), quando afirma que deve se rejeitar a “identidade” como base para pensar a política identitária.

Por essa razão, não aceito a divina trindade 'raça, gênero e classe' como categorias identitárias. Essa ideia de Espírito Santo da Identidade que ganha três formas divinas consubstanciadas não tem lugar na análise materialista. Raça, gênero e classe nomeiam relações sociais inteiramente diferentes e elas em si são abstrações que precisam ser explicadas em termos de histórias materiais específicas.

Haider Assad (2018, p. 37), define política identitária como “a neutralização de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

movimentos contra a opressão racial”. É a ideologia que surgiu para apropriar esse legado emancipatório e colocá-lo a serviço do avanço das elites políticas e econômicas.

Considerações finais

Assim, há que se compreender as lutas e resistências históricas do proletariado brasileiro, em particular das mulheres negras; como se forjou a ideologia racista e machista impregnada na sociedade contemporânea, que busca interditar a consciência racial e de classe dessa população, apontando pistas que possam contribuir com as lutas e mobilizações atuais.

Callinicos (2023, p. 8), analisa que “o racismo serve para jogar os trabalhadores uns contra os outros, e para impedi-los de combater efetivamente os patrões que exploram a todos eles, independente de sua cor ou origem nacional.” Nesse sentido, sendo as mulheres, no caso do Brasil, metade da classe trabalhadora, o machismo violenta e ataca a própria classe. Portanto, machismo e racismo são autofágicos para a classe trabalhadora, pois atua contra os interesses de todos os trabalhadores, tanto brancos quanto negros, e acrescentamos as mulheres trabalhadoras.

O racismo na sua igualdade formal mantém pobres, mulheres, negros, e todos os que são diferentes do homem branco burguês, na condição de sujeição. É preciso compreender o proletariado, em especial o brasileiro em toda a sua diversidade. Contemplar as reivindicações que partem das dores mais sentidas da classe, e, sendo as mulheres negras a parcela mais pauperizada e violentada da sociedade, é preciso dar atenção e prioridade.

Reparações históricas! Sem combater as opressões não unimos a nossa classe. Finalizo com Rosa Luxemburgo: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”.

Referências

DURANS, Claudicéa Alves. Mulher negra: trajetória de opressão e resistência. *Revista Raça e Classe - Teoria e política revolucionária*, [s. l.], n. 3, nov. 2015.

HAIDER, Asad. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Editora Veneta. 2018. 144p. (Tradutor: Leo Vinicius Liberato).

CALLINICOS, Alex. *Capitalismo e racismo*. São Paulo: Zahar, 2000. Disponível em: https://www.iesc.ufrj.br/cursos/saudepopnegra/ALEX%20CALLINICOS_Capitalismo%20e%20Racismo.pdf. Acesso em: 10 jul. 2024.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
<http://piape.prograd.ufsc.br/bibliografia-para-consulta/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223-244, 1984. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/1141>. Acesso em: 17 jul. 2024.

GUIRALDELLI, Reginaldo; ENGLER, Helen Barbosa Raiz. As categorias gênero e raça/etnia como evidências da questão social: uma reflexão no âmbito do Serviço Social. *Serviço Social & Realidade*, Franca, v. 17, n.1, p. 248-267, 2008. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/12/77>. Acesso em: 14 jun. 2024.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis, Vozes, 1988.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

MARX, Karl. *Miséria da filosofia*: resposta à Filosofia da miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. [Brasília - DF]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

PEÑA, Milcíades. *O que é o marxismo?*: Notas de iniciação marxista. São Paulo: Sundermann, 2015. 112 p. ISBN: 978-85-99156-63-6. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/544209502/Milciades-Pena-O-que-e-Marxismo>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RUIZ, María Teresa. *Racismo, algo más que discriminación*. San José, Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1988.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. 2. ed. rev. [Brasília - DF]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-68. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher?. *Portal Geledés*, [s. l.], 2014. Discurso proferido em 1851. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.h8jBXJA>. Acesso em 15 jul. 2024.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.